

EDUCAÇÃO & SOCIOEDUCAÇÃO

Darliane Silva do Amaral
(Organizadora)



AYA EDITORA
2023

Educação & Socioeducação

Darliane Silva do Amaral

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadora

Prof.ª Dr.ª Darliane Silva do Amaral

Capa

Pablo Gomes
AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagem de Capa

Prof.ª Dr.ª Darliane Silva do Amaral

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva
Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza
Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa
Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos
Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega
Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva
Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota
Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira
Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig
Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos
Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva
Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza
Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues
Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão
Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior
Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti
Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim
Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap
Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues
Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa
Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes
*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus
Pauapebas*

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros
Rodrigues
Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2023 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas nos capítulos deste Livro, bem como as opiniões neles emitidas são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam necessariamente a opinião desta editora.

E2446 Educação e socioeducação [recurso eletrônico]. / Darliane Silva do Amaral (organizadora) -- Ponta Grossa: Aya, 2023. 164 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-166-4

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151

1. Educação. 2. Ensino. 3. Educação- Filosofia. 4. Mulheres - Educação. 5. Crianças socialmente excluídas – Educação. 6. Delinquentes juvenis - Assistência em instituições – Brasil. 7. Delinquentes juvenis - Reabilitação - Brasil. 8 Educação - Aspectos sociais. 9. Interação social. 10. Sociologia educacional. 11. Educação física para crianças. 12. Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas . I. Amaral, Darliane Silva do. II. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

84.071-150

SUMÁRIO

Apresentação9

01

**A importância da ginástica na educação infantil:
revisão sistemática.....10**

Eduardo dos Santos Pinheiro,
Weslei Barbosa dos Santos
Thalyne Abreu Santos
Marizete Oliveira da Silva
Cinthya Fernanda Costa Silva
Nivaldo de Jesus Silva Soares Júnior
Lilian Fernanda Pereira Cavalcante

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.1

02

**Percepções e significados da avaliação do
adolescente em conflito com a lei26**

Juliana Gonçalves Magalhães Marsiglio
Jorge Nuno Negreiros de Carvalho

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.2

03

**Os adolescentes em privação de liberdade e a busca
sobre o sentido da vida na perspectiva da logoterapia.
.....48**

Adriana Matos Rodrigues Pereira
Geraldo Caliman

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.3

04

**A fala das instituições participativas: breve análise
dos reflexos e importância da VII Conferência
Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente na
criação do sistema socioeducativo63**

Beatriz Elena Barud Silva

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.4

05

Além dos muros: articulações entre o Plano Individual de Atendimento e o projeto de vida do adolescente em internação.....73

Suhelem Brasil Santos
Cynthia Bisinoto

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.5

06

O perfil das meninas em cumprimento de medidas socioeducativas de liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade no Distrito Federal90

Ana Carolina de Moura Pereira
Cynthia Bisinoto Evangelista de Oliveira
Natália Pereira Gonçalves Vilarins

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.6

07

Os principais tipos de felicidade e seus contornos nas relações humanas: refletindo sobre o pilar da educação “aprender a conviver” em nossa sociedade 110

Jandson Marcionilo Tavares dos Santos

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.7

08

Desempenho de escolas públicas na Olimpíada Brasileira de Matemática no município de Irati, Paraná 122

Cleber Junior Lakonski
Daiane Cristina Zanatta
Izabel Passos Bonete

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.8

09

Seletividade racial: da sujeição criminal da juventude negra à hipocrisia da socioeducação 140

Diego Marques da Silva

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.9

10

Uma reflexão acerca da cidadania e dos adolescentes com comportamentos desviantes 153

Darlaine Silva do Amaral

DOI: 10.47573/aya.5379.2.151.10

Organizadora 157

Índice Remissivo 158



Os adolescentes em privação de liberdade e a busca sobre o sentido da vida na perspectiva da logoterapia

Adriana Matos Rodrigues Pereira
Geraldo Caliman

DOI: 10.47573/ayd.5379.2.151.3

RESUMO

Considerando o crescente número de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e a reincidência deles nos últimos anos, este capítulo se justifica pela importância de refletir sobre o conceito de adolescência e da Socioeducação, oportunizar projetos voltados à discussão sobre o sentido da vida. Assim, tem por objetivo compreender o sentido da vida, na perspectiva da logoterapia, para os adolescentes em privação de liberdade de uma unidade Socioeducativa. Dividido em duas partes, a primeira é composta por uma base teórica que conceitua a adolescência dentro do contexto de privação de liberdade e os pilares da logoterapia onde o sentido da vida é construído. A segunda parte, por sua vez, apresenta um relato de pesquisa participante, trazendo um recorte da pesquisa intitulada “A construção do projeto de vida para os adolescentes em privação de liberdade: uma proposição para a socioeducação no Distrito Federal”, na qual a pesquisadora realizou o Projeto de Vida, baseado na concepção de Viktor Frankl, em uma Unidade Socioeducativa. Ademais, este capítulo mostrará uma das etapas da pesquisa, promovendo a reflexão sobre o sentido da vida com os adolescentes em privação de liberdade. Mediante falas e entrevistas com os participantes da pesquisa, foram produzidas as considerações por meio da análise de conteúdo. Por fim, acredita-se que os relatos apontam para, o autoconhecimento e a descoberta sobre o sentido da vida por parte dos adolescentes.

Palavras-chave: sentido da vida. adolescentes. privação de liberdade. logoterapia.

ABSTRACT

Considering the growing number of adolescents in compliance with socio-educational measures and their recurrence in recent years, this chapter is justified by the importance of reflecting on the concept of adolescence and socio-education, providing opportunities for projects aimed at discussing the meaning of life. Thus, it aims to understand the meaning of life, from the perspective of logotherapy, for adolescents deprived of liberty in a socio-educational unit. Divided into two parts, the first is composed of a theoretical basis that conceptualizes adolescence within the context of deprivation of liberty and the pillars of logotherapy where the meaning of life is constructed. The second part, in turn, presents a participant research report, bringing an excerpt from the research entitled “The construction of the life project for adolescents in deprivation of liberty: a proposition for socio-education in the Federal District”, in which the researcher carried out the Life Project, based on Viktor Frankl’s conception, in a Socio-Educational Unit. Furthermore, this chapter will show one of the stages of the research, promoting reflection on the meaning of life with adolescents in deprivation of liberty. Through speeches and interviews with the research participants, considerations were produced through content analysis. Finally, it is believed that the reports point to self-knowledge and the discovery of the meaning of life by adolescents.

Keywords: meaning of life. adolescents. deprivation of freedom. logotherapy.

INTRODUÇÃO

Este relato traz uma perspectiva conceitual sobre a adolescência, tendo como pano de fundo o contexto da Socioeducação e os adolescentes em privação de liberdade. Não há aqui a pretensão de abordar um conceito engessado sobre a adolescência, mas uma visão contem-

porânea do ser adolescente em um cenário de grandes adversidades, como é a privação de liberdade.

O adolescente em conflito com a lei praticou infrações que desafiam o sistema de justiça, tendo em vista que envolvem questões políticas, jurídicas, estruturais e sociais. De acordo com o Sinase (Lei n.º 12.594/ 2012), esse adolescente poderá, a depender da gravidade de seus atos, ser privado da liberdade, sendo conduzido a uma instituição socioeducativa.

Em suma, o presente capítulo buscou se guiar pela prerrogativa de pensar a socioeducação como um espaço de educação e de ressignificação por parte dos adolescentes e de seus atos, acreditando em uma proposta de reflexão sobre a vida para além do sistema socioeducativo. Ademais, em um breve relato, apresenta-se um recorte de uma pesquisa participante interventiva com adolescentes da socioeducação, representando uma das etapas que promoveu a reflexão sobre o sentido da vida, com base na Logoterapia.

Este capítulo encontra-se dividido em duas partes, sendo a primeira composta por uma base teórica que conceitua a adolescência e os pilares da logoterapia. A segunda parte, apresenta um relato de pesquisa participante, trazendo um recorte da pesquisa participante, na qual a pesquisadora realizou o Projeto de Vida, baseado na concepção de Viktor Frankl, em uma Unidade Socioeducativa.

Haja vista as análises realizadas a partir da pesquisa, acredita-se que será de grande relevância o compartilhamento dos achados sobre o olhar dos adolescentes em busca do sentido da vida.

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreensões sobre a adolescência

Nosso ponto de partida será um olhar histórico que nos mostra que a nomenclatura “adolescência” não existia dentro do desenvolvimento humano durante muito tempo e que surgiu somente no século XVIII. Segundo Pereira (2005), “adolescência” deriva do latim *adollacentia* e significa o processo de crescimento em direção à maturidade. O autor citado nos remete à ideia de processo e desenvolvimento humano, mas adiante a Organização Mundial da Saúde (OMS) amplia com uma espécie de materialização da adolescência, por meio da sistematização da idade.

Para a OMS, essa etapa da vida se distingue por meio das transformações físicas e biológicas que acontecem no corpo de meninos e de meninas e se apresenta como um processo fisiológico, que apressa o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Acontece entre 10 e 19 anos, sendo dividida em duas etapas: pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e adolescência propriamente dita (de 15 aos 19 anos).

Continuando em uma abordagem legal, faz-se necessário registrar o que afirma o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990). Segundo o documento, a adolescência se situa entre os 12 e os 18 anos incompletos. Por sua vez, para o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2011), a adolescência se divide em duas fases: a fase inicial (dos 10 aos 14 anos de idade), constituída pelas transformações cognitiva, emocional, sexual e psicoló-

gica e fase final (dos 15 aos 19 anos de idade), quando os adolescentes estabelecem sua identidade e autonomia. A partir das afirmativas contempladas nos parágrafos anteriores, podemos perceber que, legalmente, esses conceitos não trazem aspectos relacionados com suas características psicológicas ou sociológicas, mostrando-se reducionistas, no que diz respeito a uma interpretação com bases apenas cronológicas.

Ademais, precisamos enfatizar que não podemos restringir o conceito de adolescência a um marco etário. Atualmente, essa etapa é reconhecida como um momento de grande complexidade, que necessita de interpretações mais profundas, envolvendo suas características e sua relação social, pois a adolescência é sim um processo que abarca outras questões, desde a construção da identidade do indivíduo, mudanças comportamentais, físicas até psicológicas.

Assim, com o objetivo de contribuir sobre o conceito de adolescência é necessário refletir primeiramente sobre os aspectos históricos. Segundo Ariès (1986), o reconhecimento da adolescência só aconteceu no final do século XVIII e com o surgimento da nova nomenclatura criou marcos importantes para a compreensão das transformações da sociedade.

Naquela época, as crianças eram percebidas a partir de suas necessidades e dentro do contexto da preocupação dos adultos. O que determinava o fato de ainda não serem adultas era a demonstração de dependência e de carência de cuidado. Portanto, conforme a criança cresce e já não mais necessitava da atenção do adulto, pois se tornava mais autônoma, era imediatamente associada à rotina dos adultos e compreendidas como maduras.

Então, ao final do século XIX e meados do século XX, o conceito de adolescência vai surgindo. Segundo Rakoff (1995, p. 57):

[e]xisten indicios anteriores en las nociones acerca de la juventud que se han convertido casi en lugares comunes, como su relación con el amor, la aventura, la imprudencia, la energía, la belleza, la falta de previsión y el exceso de emoción. Pero nada de esto se aproxima a la definición de la adolescencia como otra etapa de la vida que ha surgido en los últimos cincuenta o sesenta años¹.

Entre o reconhecimento de uma nova etapa e a conceituação levou-se muito tempo e apenas no século XX começou a levar em conta as características e as mudanças biológicas que ocorrem a partir do desenvolvimento humano e das mudanças comportamentais. Destaca-se que as alterações corporais trazem uma espécie de spoiler sobre um roteiro de vida, que nos diz: precisamos nos despedir da infância e ingressar no corpo de adolescente para no futuro nos transformarmos em adultos.

Erickson (1976) mostra a adolescência como uma fase importante no processo do desenvolvimento, como “[...] um modo de vida entre a infância e a vida adulta” (ERICKSON, 1976, p. 128). Nesse sentido, há uma validação por parte do autor acerca da existência da etapa da adolescência, que permite ir além de outras conceituações e compreender essa etapa e suas características a fim de, mais adiante, possibilitar a abordagem sobre a realidade do adolescente em privação de liberdade nas Unidades Socioeducativas como uma especificidade.

Enfim, as mudanças físicas não transformam uma criança em um adolescente. Segundo Berger e Thompson (1997), outras modificações mais significativas acontecem e com menos visibilidade, a exemplo das mudanças emocionais e sociais.

1[há] dicas anteriores em noções sobre a juventude que se tornaram quase comuns, como sua relação com o amor, aventura, imprudência, energia, beleza, falta de previsão e excesso de excitação. Mas nada disso chega perto de definir a adolescência como mais uma etapa da vida que surgiu nos últimos cinquenta ou sessenta anos (RAKOFF, 1995, p. 57).

Naturalmente, na fase da adolescência, um indivíduo começa a pensar e a refletir sobre seus gostos, suas ações, suas vestimentas, suas escolhas e suas amizades em um processo de desconstrução. Esse momento é caracterizado por três lutos, abordados por Aberastury (1989, p. 10) da seguinte forma:

[e]le vive neste sentido três lutos: a) O luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo que não poucas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente do que ocorre no seu próprio organismo; b) o luto pelo papel e pela identidade infantis, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece; c) o luto pelos pais da infância, os quais tentam persistentemente requerer na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que eles significam.

Em meio a uma busca pela construção de sua identidade a partir do afastamento do referencial parental, o adolescente também necessitará da família para ter um suporte para a base identitária. Por mais que se mostre contraditório, essa construção será resultado de tudo que ele viveu e recebeu dos seus pares durante sua vida, trazendo um sustento emocional.

No processo para a construção da identidade do adolescente, compreende-se que o corpo tem um espaço significativo, pois propõe o registro de “quem sou eu”. Os adolescentes mostram vestes específicas para encobrir as mudanças físicas que estão sendo vivenciadas, como as tatuagens e piercings que traduzem a que tribos pertencem, identificando-se com outros e demonstrando suas emoções. Segundo Le Breton (2010, p. 26), “[a] pele envolve o corpo, os próprios limites, estabelece a fronteira entre o dentro e o fora de maneira vívida, porosa, pois ela também é uma abertura para o mundo, uma memória viva”. A adolescência não é só uma mudança física, mas sim uma série de imagens e construções sobre quem ele é, que muito pesa sobre a vida dos adolescentes.

O adolescente em privação de liberdade e o sentido da vida na perspectiva da logoterapia

Para compreendermos o contexto do adolescente em conflito com a lei na socioeducação, iniciaremos com uma citação de Caligares: “Eles transgridem para serem reconhecidos, e os adultos, para reconhecê-los, constroem visões da adolescência” (CALIGARES, 2000, p. 35). Socialmente, é muito comum ouvir associações entre adolescência e transgressão. Muitas são as situações em que ouvimos pessoas se referindo ao adolescente como sendo um “aborrecente”. Sem querer justificar aqui a forma como uma parte da sociedade se refere ao adolescente, podemos dizer que, ao observá-los, é possível perceber a dificuldade que eles têm em cumprir regras, de demonstrar responsabilidade com suas atividades e de obedecer às normas sociais. Segundo Caligares (2000), a resposta para a maioria das transgressões pode estar na necessidade de serem reconhecidos. Muitas vezes, o reconhecimento pode não vir de uma perspectiva positiva, pois mesmo as ações negativas dão a ele um status de empoderamento e de protagonismo. O adolescente, que, muitas vezes, não consegue se sobressair por meio de atitudes positivas, passa a ganhar um olhar social de destaque no momento que infringe uma regra.

Além da grande necessidade de reconhecimento por parte do adolescente percebe-se também uma falta de perspectiva e de sentido da vida. É sobre esses aspectos que iremos discutir, haja vista que a Logoterapia poderá servir de suporte ou estratégia para que os adolescentes construam caminhos para trilhar e o verdadeiro sentido para suas vidas no contexto de privação de liberdade.

É preciso que antes de tudo sejam explicitadas algumas questões relacionadas à medida de privação de liberdade dentro da socioeducação. De acordo com o ECA, as medidas socioeducativas para o adolescente em conflito com a Lei serão determinadas conforme alguns dos critérios elencados a seguir.

De maneira geral, a expressão “adolescente em conflito com a lei” sugere uma ideia momentânea, pontual, que pode ser transformada, revista. Para tanto, o ECA insere em seu estatuto o conceito de “pessoa em desenvolvimento”. Ademais, a construção do ECA, em 1990, representa o início de um novo paradigma em relação à criança e ao adolescente. Ambos passam a ser vistos como sujeitos de direitos, que devem ter garantidos a proteção e o lugar de cidadãos, evidenciando uma mudança na compreensão sobre o indivíduo, considerado sujeito em processo de desenvolvimento.

Acredita-se que a mudança que se desejava a partir do ECA, no que tange ao adolescente em conflito com a lei, era o fortalecimento da efetivação da socioeducação, em uma prática para além da punição, sendo uma reorganização das ações e de contextos de atendimento ao adolescente que cometeu ato infracional. Em suma, a socioeducação surgiu com o objetivo de propor um caráter educativo para as medidas. Dessa forma, as ações dispostas e suas aplicações iniciam com as seguintes diretrizes:

Art. 112. Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I - advertência; II - obrigação de reparar o dano; III - prestação de serviços à comunidade; IV - liberdade assistida; V - inserção em regime de semiliberdade; VI - internação em estabelecimento educacional (BRASIL, 1990, n. p.).

Em consonância a esse artigo do ECA, as medidas são divididas em graus diferentes e devem ser aplicadas conforme a gravidade do ato cometido e com a situação pessoal do adolescente, levando-se em consideração diversos aspectos.

Dessa forma, este capítulo se atém à medida de internação, fazendo um recorte sobre os adolescentes em privação de liberdade. Assim, um elemento de fundamental importância contido no ECA é a garantia de que o adolescente terá acesso à educação. O artigo 123, em seu parágrafo único, dispõe que “durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas” (BRASIL, 1990, n. p.). Sabe-se que a maioria das unidades de internação para adolescentes tem uma escola pública dentro do complexo, o que deveria contribuir para a formação dos adolescentes, mas nem sempre é isso que acontece, pois o que se verifica está longe do desejado. Logo, a realidade da socioeducação que os adolescentes vivenciam não pode apenas ser pensada no contexto da escolarização, pois essa, isoladamente, não garante efetivamente a complexidade das demandas do adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. Importa destacar que, no artigo 124 do ECA, constam determinações para assegurar esses direitos ao adolescente:

Art. 124. [...] XI - receber escolarização e profissionalização; XII - realizar atividades culturais, esportivas e de lazer; XIII - ter acesso aos meios de comunicação social; XIV - receber assistência religiosa, segundo a sua crença, e desde que assim o deseje [...] (BRASIL, 1990, n. p.).

Essas determinações reafirmam a importância e a necessidade da educação plural, das atividades esportivas, da preparação profissional e do acesso aos meios de comunicação, para que o afastamento do convívio social não cause no adolescente, além de outros comprometimentos, uma alienação em relação ao mundo em que ele vive, mas o prepare para a reintegra-

ção ao convívio social. Portanto, acredita-se que a Logoterapia poderá trazer um caminho para que o adolescente descubra o sentido da vida e busque em seu processo de ressignificação os pilares da Logoterapia nos aspectos da liberdade de vontade, vontade de sentido e sentido da vida.

Esse arcabouço teórico da Logoterapia traz uma proposição de suscitar o desejo do adolescente para o significado de sua existência, sendo esse o pontapé inicial para a ressignificação de valores e para o desejo de mudança. Dessa maneira, iniciaremos com o conceito de Logoterapia, inaugurado por Viktor Frankl (1946) quando lançou seu livro *Em busca de sentido*, no qual narra sua vivência em campos de concentração a partir das ideias da Logoterapia e da Análise Existencial. Trata-se do que ficou conhecido como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. De acordo com Fizzotti (1998, p. 29), a Logoterapia é

[...] uma teoria sobre a personalidade que, aplicada na prática clínica e na metodologia terapêutica, põe em destaque a capacidade fundamental do ser humano de encontrar sempre um sentido em tudo o que faz, em tudo o que experimenta, em tudo o que sofre.

Acredita-se que, mesmo não sendo aplicada de forma clínica, mas considerando suas bases, poderá possibilitar um processo de reflexão para ajudar os adolescentes em privação de liberdade a encontrarem o sentido de suas vidas.

Na visão de Frankl (2008), o ser humano “encontra” sentido nas situações da vida, seja no âmbito pessoal e/ou situacional. Para ele, a Logoterapia e a Análise Existencial partem da compreensão de que o sentido não está no sujeito, nem no objeto, mas sim na relação do sujeito com o objeto e com o mundo. É possível, então, pensar uma proposição para esse adolescente, para que ele construa sua análise existencial, possa encontrar um sentido para sua vida, bem como conjecturas positivas acerca de sua existência.

É importante destacar que a Logoterapia é uma psicoterapia que se desenvolve por meio da motivação primária a vontade de sentido e a análise existencial, seria a vontade inerente do ser humano em buscar o sentido. Elas se baseiam em uma tríade conceitual que forma “uma cadeia de elos que se conectam reciprocamente” (FRANKL, 2011, p. 7): liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido de vida.

O ser humano tem a liberdade de fazer escolhas e desejar o que quiser, independente das circunstâncias que a vida lhe impõe. O sentido da vida é que irá ajudá-lo a superar as condicionantes; esse será o primeiro pilar da tríade, a liberdade da vontade. A Logoterapia usa a Análise Existencial para a autorreflexão e compreensão da liberdade, buscando os valores pessoais na responsabilidade do indivíduo. Vale ressaltar que, mesmo no caos, o ser humano tem liberdade de escolha, porém nem sempre tem a consciência de possuí-la e, muitas vezes, infringe normas sociais por acreditar que não poderia fazer de forma diferente.

O segundo pilar da Logoterapia é a vontade de sentido. Para Frankl (2011), “há um sentido para a vida – isto é, um sentido pelo qual o homem sempre esteve a buscar [vontade de sentido] – e que o homem tem a liberdade de engajar-se, ou não, na realização desse sentido” (FRANKL, 2011, p. 89). Assim, a vida sempre nos traz algo para que possamos realizar, mas precisamos encontrar desejo e vontade de realização, ou seja, o que queremos fazer e o que nos dá prazer. Descobrir a nossa real vontade de realização faz parte desse processo.

É importante que se destaque que nossa proposição para a busca pelo sentido da vida

dentro do contexto da socioeducação não começa pela escolha profissional ou pela escolarização, mas sim pela compreensão e pela liberdade de vontade do adolescente. Dessa forma, baseados em Frankl (1978), podemos afirmar que a liberdade de vontade mostra que o homem é um ser livre e responsável e pode fazer escolhas diante das possibilidades que surgem. Dentro das bases da Logoterapia, pode-se pensar que todas as possibilidades de realização podem transformar o destino de uma pessoa. É essa transformação que se espera para o adolescente em privação de liberdade: que ele, ao encontrar o sentido da sua vida, busque e ressignifique valores que contribuam para sua atuação na sociedade e na sua própria vida. Esperamos, portanto, que a Logoterapia possa contribuir com nossa proposição de levar o adolescente em privação de liberdade em busca de um sentido para sua vida, que o faça buscar novas perspectivas.

A seguir, apresentamos a realização do Projeto de Vida dentro da Socioeducação, que teve como base os pilares da Logoterapia e a busca pelo sentido da vida. Mostramos um esboço metodológico do processo realizado, dissertando sobre questões que devem estar presentes em uma proposta para a socioeducação.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Relato sobre os adolescentes em privação de liberdade e a busca pelo sentido da vida

Primeiramente, destacamos que o relato apresentado faz parte da pesquisa de Doutorado da autora, denominada “A construção do Projeto de vida para os adolescentes em privação de liberdade: uma proposição para a socioeducação no Distrito Federal”. Devemos levar em consideração que, para a realização do Projeto de Vida, seguimos os pilares da Logoterapia, caracterizado pela busca do sentido da vida. Em suma, esta seção tem por objetivo discutir a importância do sentido da vida na perspectiva da logoterapia para o adolescente em privação de liberdade de uma unidade Socioeducativa do DF, considerando um recorte da pesquisa citada.

A partir das proposições de Frankl (1989a), defendemos que o processo de construção do Projeto de Vida passa primeiramente por encontrar o sentido da vida. Nessa perspectiva não poderá ser imposto, “[n]ão se trata, portanto, de injetar sentido nas coisas, mas sim de extrair o sentido delas, de captar o sentido de cada uma das situações com que nos defrontamos” (FRANKL, 1989a, p. 28).

Desse modo, como nos mostra a teoria de Viktor Frankl (1989b, p. 28) que afirma:

O sentido [da vida] é, pois, uma silhueta que se recorta contra o fundo da realidade. É uma possibilidade que se destaca luminosamente, e é também uma necessidade. É aquilo que é preciso fazer em cada situação concreta; e esta possibilidade de sentido é para sempre, como a própria situação, única e irrepetível.

Diante do exposto por Frankl (1989a), podemos compreender que a busca pelo sentido da Vida passa pela ressignificação de situações, descobrir o que realmente tem significado e o que é prioridade em todos os momentos.

Na sequência, apresentamos um breve relato sobre a intervenção realizada, trazendo alguns aspectos metodológicos para elucidar como foi realizada e também para refletir sobre o que os adolescentes em privação de liberdade encontraram como o sentido da vida.

No que diz respeito à busca pelo sentido da vida, a Logoterapia nos aponta à reflexão sobre a liberdade de sentido, a vontade de sentido e o sentido da vida e dos valores criativos, vivenciais e atitudinais. A partir desses pilares, foram realizados oficinas coletivas e individuais, debates e entrevistas pela pesquisadora. O itinerário para a busca pelo sentido da vida possui duas dimensões: tempo e espaço. A dimensão tempo se desenvolve em uma perspectiva cronológica abordada sob a ótica do passado, presente e futuro. A dimensão espaço aborda um ponto de vista topológico que poderá ser desenvolvido em diversos lugares, como escola, casa, comunidades e na própria socioeducação.

Para a perspectiva do tempo, foram usadas as referências do passado para refletir sobre a atuação no presente e as proposições para o futuro. Assim, é importante que o adolescente seja estimulado a relacionar situações relevantes de sua infância, relatar momentos bons e ruins, trazendo coisas que realizaria de forma diferente, brincadeiras preferidas, seus super-heróis, seus sonhos, o que pensava ser quando se tornasse adulto, pessoas que foram importantes na sua vida, quem eram seus melhores amigos, que personagem mais gostava, o que desejava ter, de que sentiu falta durante a infância, que programas gostava de assistir. Essas são algumas indagações que podem fomentar a reflexão sobre seu passado e trazer para o presente uma nova leitura sobre o que viveu e sobre o que poderá vivenciar.

Nas palavras de Machado (2000),

[o] homem constitui-se em uma humanidade à medida que desenvolve sua capacidade de fazer escolhas e lançar-se ao mundo, transformando-se e transformando-o, em busca de desenvolver projetos para atingir metas e satisfazer desejos pessoais e coletivos a partir de valores históricos, culturalmente situados e socialmente acordados (MACHADO, 2000, p. 2).

O presente será marcado por questionamentos sobre quem ele é hoje, como se percebe, o que ele gosta ou não gosta nesse presente. É fundamental trazer a realidade da privação de liberdade, como ele chegou até ali e o que fez para estar ali. Na dimensão do presente, o mediador deverá também salientar que esse é o momento de planejar o futuro, de pensar em mudanças e de traçar novas metas.

O terceiro momento dessa linha cronológica é o despertar para o futuro e para novos anseios e caminhos. Utilizando as informações e escolhas do passado e do presente, o adolescente poderá ter elementos para compreender o que o impulsiona, bem como o que tem significado e importância.

A pesquisa interventiva aqui descrita foi realizada em uma Unidade da Socioeducação do Distrito Federal, a partir de uma perspectiva qualitativa, com base exploratório-descritiva, constituindo-se como uma pesquisa participante. Ou seja, a pesquisadora esteve inserida no ambiente pesquisado, descrevendo fatos, acontecimentos e reações a partir da metodologia e intervenções realizadas onde promoveu a construção do Projeto de Vida.

Participaram da pesquisa cinco adolescentes, internos da Unidade, com idades entre 18 e 19 anos, fomentando um debate aberto, amplo e reflexivo. Foi utilizado como instrumento de registro o diário de pesquisa, ou diário de campo, como técnica para a sistematização das observações realizadas durante todo o processo de inserção da pesquisadora dentro da Unidade Socioeducativa e para melhor acompanhamento das atividades. Diante do exposto, realizamos entrevistas semiestruturadas que combinaram perguntas abertas e fechadas, a partir das quais

o sujeito pesquisado pode expor suas opiniões de forma livre e aberta. Com o objetivo de manter o sigilo das suas identidades, os nomes dos adolescentes foram substituídos por nomes de pássaros: Papagaio, Cacatua, João de Barro, Canário e Águia.

Para a apreciação dos dados, utilizamos as considerações metodológicas da Análise de Conteúdo, técnica pertinente para pesquisas qualitativas. Bardin (2011, p. 15) explica que “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

Como base nas oficinas e nas entrevistas realizadas, elencamos duas categorias para a nossa discussão. A primeira consiste em apresentar o perfil do adolescente pesquisado, e a segunda, compreender a importância da busca do sentido da vida na perspectiva da logoterapia para o adolescente em privação de liberdade de uma unidade Socioeducativa.

Em relação ao perfil dos adolescentes pesquisados, o quadro 1 demonstra as principais características e informações que nos ajudaram a compreender a importância da busca do sentido da vida, na perspectiva da logoterapia, para o público participante desta pesquisa:

Quadro 1 – Perfil dos adolescentes

Idade	Havia três adolescentes com idade de 19 anos e dois com idade de 18 anos.	
Declaração voluntária por parte dos adolescentes	Três adolescentes brancos e dois negros.	
Moradia	Um adolescente morava em Santa Maria, dois adolescentes moravam no Gama, um adolescente morava em Planaltina e um morava no Sol Nascente.	
Escolarização	Dois adolescentes já haviam terminado o Ensino Médio, um estava cursando o 3º ano do Ensino Médio, um cursava o 4º ano do fundamental e um estava cursando o 2º ano do Ensino Médio.	
Contexto familiar	João de Barro	<i>“Morava com meu pai, minha mãe e duas irmãs e dois irmãos e a cunhada”.</i>
	Canário	<i>“Morava com minha mãe, irmãs, duas mais velhas e duas mais novas”.</i>
	Papagaio	<i>“Minha infância foi tranquila até uns 10 anos, morava eu, meu pai, minha irmã, meu irmão e minha mãe. Ai meus pais se separaram e eu fui morar com meu pai, depois voltei para morar com minha mãe no Gama”.</i>
	Águia	<i>“Só morei com minha mãe até os seis meses de idade, pois minha mãe é doente mental, transtornos psicológicos. Meus pais não biológicos não foram presentes e depois fui morar com uma tia e depois com meu primo que era filho dela. Ele é casado e a esposa são as figuras paterna e materna. Meu pai biológico no ano passado me procurou e tentou se explicar, mas é muito difícil”.</i>
	Cacatua	<i>“Morava com pai, mãe e três irmãos”.</i>
Tempo em que se encontram na Unidade socioeducativa	João de Barro	9 meses
	Canário	11 meses
	Papagaio	1 ano e 3 meses
	Águia	1 ano e 6 meses
	Cacatua	1 ano e dois meses
Sonhos	João de Barro	<i>“Ter uma família e arranjar um emprego”.</i>
	Canário	<i>“Jogar futebol”.</i>
	Papagaio	<i>“Fazer uma faculdade”.</i>
	Águia	<i>“Quero fazer uma faculdade, mas ainda não sei qual”.</i>
	Cacatua	<i>“Terminar o Ensino Médio e fazer faculdade”.</i>

O que desejam fazer quando saírem da socioeducação	João de Barro	<i>“Meu desejo é ser médico e salvar vidas. Fazer minha faculdade, abraçar minha família, ter um lazer, sair dessa vida. Eu quero uma nova vida, sair do vínculo ruim, já passei um ano e oito meses, quero virar a página”.</i>
	Canário	<i>“Trabalhar com agricultura, cuidar de gado, meu pai tem uma terra e ele cria, eu quero sair daqui e trabalhar com ele em Goiânia”.</i>
	Papagaio	<i>“Fazer esporte, cravo maga, jogar bola, e estudar”.</i>
	Águia	<i>“Fazer faculdade”.</i>
	Cacatua	<i>“Terminar meus estudos”.</i>
O que mais gostam de fazer	João de Barro	<i>“Jogar futebol, ler livros de administração”.</i>
	Canário	<i>“Jogar bola, soltar pipa e ficar com minha família”.</i>
	Papagaio	<i>“Praticar esporte, ler, passar o tempo com minha família”.</i>
	Águia	<i>“Dormir, ler romances e esportes”.</i>
	Cacatua	<i>“Ler, jogar futebol, assistir filmes”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos perceber que esses adolescentes mostram o desejo de fazer parte do mundo adulto, de adquirir responsabilidades, de ter um emprego, de ajudar a família e de se sentirem produtivos. Isso é possível de ser explicado pela ótica da própria etapa da adolescência, pois, de acordo com Aberstury (1992, p. 89), o que a caracteriza “[é] a necessidade de começar a fazer parte do mundo do adulto e que seus conflitos vêm da dificuldade em ingressar nesse mundo”.

Outro ponto importante percebido é a origem proveniente de um ambiente de vulnerabilidade e com poucas oportunidades educacionais e culturais. Esses jovens manifestam desejos em relação ao estudo, ao trabalho, ao esporte e à família. Seus sonhos estão baseados em projetos educacionais e profissionais, o que demonstra se importarem com a educação e a formação profissional.

Em relação à segunda categoria, podemos dizer que as oficinas realizadas foram de grande importância para que os adolescentes vivenciassem um processo reflexivo e de autopercepção. O quadro 2 sintetiza as respostas dadas à entrevista 1 no que envolve os conceitos da Logoterapia:

Quadro 2 – Entrevista 1 explorando os conceitos da Logoterapia: Liberdade de desejo. desejo de sentido e sentido da vida

Nomes	Perguntas	Respostas
Águia	Você sabia que tinha liberdade para desejar algo?	<i>Sim</i>
	Você já havia pensado que poderia desejar algo que desse sentido a sua vida?	<i>Sim</i>
	Como podemos descobrir o que dá sentido à nossa vida?	<i>Pensando no que gostamos</i>
	Você sabe qual o sentido da sua vida?	<i>Não</i>
	Quando pensa no sentido da sua vida, o que vem a sua cabeça?	<i>Esperança de mudar.</i>
Papagaio	Você sabia que tinha liberdade para desejar algo?	<i>Sim</i>
	Você já havia pensado que poderia desejar algo que desse sentido a sua vida?	<i>Sim</i>
	Como podemos descobrir o que dá sentido à nossa vida?	<i>Refletindo</i>
	Você sabe qual o sentido da sua vida?	<i>Não</i>
	Quando pensa no sentido da sua vida, o que vem a sua cabeça?	<i>O que posso fazer, qual meu papel nesse mundo.</i>

Canário	Você sabia que tinha liberdade para desejar algo?	<i>Sabia, mas ainda não tinha caído na real.</i>
	Você já havia pensado que poderia desejar algo que desse sentido a sua vida?	<i>Não</i>
	Como podemos descobrir o que dá sentido à nossa vida?	<i>Estudando, participando de momentos como esse.</i>
	Você sabe qual o sentido da sua vida?	<i>Fé e família</i>
	Quando pensa no sentido da sua vida, o que vem a sua cabeça?	<i>Fé e esperança</i>
Cacatua	Você sabia que tinha liberdade para desejar algo?	<i>Sabia</i>
	Você já havia pensado que poderia desejar algo que desse sentido a sua vida?	<i>Não</i>
	Como podemos descobrir o que dá sentido à nossa vida?	<i>Pensando na nossa trajetória, estou fazendo isso aqui.</i>
	Você sabe qual o sentido da sua vida?	<i>Minha família e minha fé</i>
	Quando pensa no sentido da sua vida, o que vem a sua cabeça?	<i>Minha fé, minha família e meus princípios.</i>
João de Barro	Você sabia que tinha liberdade para desejar algo?	<i>Sim</i>
	Você já havia pensado que poderia desejar algo que desse sentido a sua vida?	<i>Sim</i>
	Como podemos descobrir o que dá sentido à nossa vida?	<i>Não sei, ainda não descobri.</i>
	Você sabe qual o sentido da sua vida?	<i>Ter esperança de poder ser uma pessoa melhor.</i>
	Quando pensa no sentido da sua vida, o que vem a sua cabeça?	<i>Minha família e meu Deus.</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se, com base no quadro 2, que nem todos sabiam qual era o sentido da sua vida ou mesmo que tinham liberdade para desejar algo. Outra apreciação aqui relevante é sobre como acreditavam que poderiam descobrir o verdadeiro sentido da vida: alguns responderam que rever a trajetória poderia ser uma forma, o que corresponde à intervenção realizada. Essa resposta nos ajuda a confirmar que o trabalho da logoterapia poderia trazer contribuições para a construção de valores do adolescente em privação de liberdade.

O quadro 3 sintetiza a entrevista 2 sobre o sentido da vida. Nele é possível perceber que a família e a fé aparecem como sendo o sentido da vida dos adolescentes:

Quadro 3 – Entrevista 2, descobrindo o sentido da vida

Nomes	Perguntas	Respostas
Águia	Quando penso no sentido da minha vida, o que me vem à cabeça?	<i>Vontade de viver, motivação e formar uma família.</i>
	Quando pensa no futuro e o que deseja realizar o que vem à sua cabeça?	<i>Incerteza a dúvida, quero fazer uma faculdade de Psicologia, mas chegar lá preciso ainda fazer muita coisa.</i>
	Qual o sentido da sua vida em três palavras?	<i>Viver, fazer e realizar.</i>
Papagaio	Quando penso no sentido da minha vida, o que me vem à cabeça?	<i>Vontade de desfrutar da vida, conhecer novas coisas e lugares, ter liberdade.</i>
	Quando pensa no futuro e o que deseja realizar, o que vem à sua cabeça?	<i>Fazer uma viagem para visitar minha avó e fazer um curso de radiologia.</i>
	Qual o sentido da sua vida em três palavras?	<i>Paz, liberdade, sonhos</i>

Canário	Quando penso no sentido da minha vida, o que me vem à cabeça?	<i>Mudar de vida, sair da vida do crime. Família e trabalhar .</i>
	Quando pensa no futuro e o que deseja realizar o que vem à sua cabeça?	<i>Construir uma família e poder ajudar toda minha família, aqueles que precisam.</i>
	Qual o sentido da sua vida em três palavras?	<i>Minha mãe, meu filho, meu trabalho.</i>
Cacatua	Quando penso no sentido da minha vida, o que me vem à cabeça?	<i>Família</i>
	Quando pensa no futuro e o que deseja realizar, o que vem à sua cabeça?	<i>Cursar administração.</i>
	Qual o sentido da sua vida em três palavras?	<i>Família, fé e esforço para mudar.</i>
João de Barro	Quando penso no sentido da minha vida, o que me vem à cabeça?	<i>Meu plano de vida é minha família, me aproximar dela, resgatar a confiança. Construir minha própria família.</i>
	Quando pensa no futuro e o que deseja realizar o que vem à sua cabeça?	<i>Quero ser médico e salvar vidas.</i>
	Qual o sentido da sua vida em três palavras?	<i>Superação, fé e família</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida, chegamos à percepção sobre o sentido da vida: esse foi um momento muito esperado, pois acreditávamos que, a partir da percepção deles sobre o que era o verdadeiro sentido de suas vidas, todos os outros elementos poderiam ser acionados. Então, os adolescentes compreenderam que o sentido da vida é algo mais amplo do que escolher uma carreira ou desejar um emprego, pois o sentido vai em busca de algo mais precioso e significativo para todos nós. Diante do exposto, eles verbalizaram como sendo o sentido da vida deles a fé, a família, a mudança, a credibilidade no seu próprio potencial e a possibilidade de realização de seus sonhos.

De acordo com Frankl (1989a, p. 28), o desejo de sentido é um “valor de sobrevivência”. Em seu livro, ele relata que aprendeu no campo de concentração que:

[a]s coisas mais idôneas para a sobrevivência nos campos de concentração eram as orientadas para o futuro – para uma tarefa ou para uma pessoa que, durante a espera, eram projetadas no futuro e para um sentido da vida que no futuro iriam realizar (FRANKL, 1989a, p. 28).

No final da oficina, promovemos uma das reflexões mais impactantes a respeito do verdadeiro sentido da vida, com uma fala que muito nos emocionou, pois apresenta o alcance da percepção que desejamos para os adolescentes que hoje estão em privação de liberdade.

Eu refleti sobre o que é ‘ser’ humano e o que é ser feliz. Para algumas pessoas é ter dinheiro, para outras é ter uma carreira e para mim é ter paz, construir uma família, ter saúde e viver com tranquilidade. A questão é aprender a não ser infeliz (Papagaio).

Finalizamos com essa citação na esperança de ver no contexto da socioeducação projetos que possam despertar nos adolescentes o verdadeiro sentido da vida. Após a realização do Projeto de Vida, foi observado que a descoberta do sentido da vida traz para o adolescente um novo olhar sobre as suas ações, suas perspectivas, compreendendo seus valores e traçando novos caminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a adolescência por si só já é um momento de grandes conflitos, porque, segundo Berger e Thompson (1997), não nos transformamos de crianças para adolescentes do

dia para noite, tampouco de adolescentes para adultos. A passagem da infância para a adolescência requer mais que transformações físicas e biológicas.

Durante a realização das oficinas foi possível perceber a importância de promover espaços de fala e reflexão com os adolescentes em privação de liberdade. A necessidade de oportunizar ações que despertem a discussão sobre o verdadeiro sentido da vida. Os adolescentes que participaram da pesquisa, em muitos momentos, verbalizaram sobre seus valores, sobre suas histórias de vida e sobre os motivos que os levaram ao conflito com a Lei, trazendo de forma latente um processo dialético e de ressignificação.

Sendo assim, percebemos a relevância e a importância em promover dentro da socioeducação um espaço para que ocorram ações para além da escolarização, que proponham uma análise existencial ao adolescente, algo que desperte dispositivos internos de motivação e desejo por um protagonismo real e positivo diante da sociedade e de si mesmo. Protagonismo que o faça quebrar paradigmas sobre a vulnerabilidade, sobre os preconceitos e construa pontes para realização de seus sonhos.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ARIÈS, P. A História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora SA, 1986.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 dez. 2020.

BERGER, K. S.; THOMPSON, R. A. El desarrollo de la persona desde la niñez a la adolescencia. Madrid: Medica Panamericana, 1997.

BRASIL. Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11741-16-julho-2008-578206-norma-pl.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional. Diário Oficial da União República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 19 jan. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm. Acesso em: 27 jul. 2018.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-norma-pl.html>. Acesso em: 20 fev. 2020

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília-DF: CONANDA, 2006

CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

ERICKSON, E. H. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ERIKSON, E. Identity: youth and crisis. New York: Norton, 1968.

FIZZOTTI, E. Conquista da liberdade: proposta da logoterapia de Viktor Frankl. São Paulo: Paulinas. 1996.

FIZZOTTI, E; ABRAHAM, M.; FRANKL, V. Os ritos de cura como autorrealização e como busca de sentido. In: DAL PINO, F. *et al.* Liturgia e terapia: a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade. São Paulo: Paulinas, 1998.

FRANKL, V. E. A questão do sentido em psicoterapia. Campinas, SP: Papyrus, 1981.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2003.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido da vida. São Paulo: Quadrante, 1989a.

FRANKL, V. E. Sede de sentido. São Paulo: Quadrante, 1989b.

FRANKL, V. E. Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2005.

LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010.

MACHADO, N. J. Educação: projetos e valores. São Paulo: Escrituras, 2000.

PEREIRA, A. C. A. A teoria psicossocial de Erickson e a construção da identidade. O adolescente em desenvolvimento. São Paulo: Harbra, 2005.

RAKOFF, V. M. Una interpretación psichistórica del adolescente. In: MADDALENO, M. *et al.* La salud del adolescente y del joven. Washington DC, OPS, 1995.



AYA EDITORA
2023